



Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

2015

**Avaliação do grau de concordância entre membros do par
conjugal relativamente às forças familiares**

Eduardo Salvador Kawindima (edukawindima@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de especialização em
Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Doutora
Isabel Marques Alberto

UC/FPCE

Avaliação do grau de concordância entre membros do par conjugal relativamente às forças familiares

Resumo

O presente estudo realizado pretende avaliar o grau de concordância entre os membros do par conjugal relativamente às forças familiares que percecionam na sua família, numa amostra angolana. A amostra incluiu 44 casais, num total de 88 participantes, sendo 50 (56.8%) de Benguela e 38 (43.2%) de Cabinda. O estudo teve por base um protocolo que integra o questionário de dados sociodemográficos, o questionário das forças familiares (QFF), e a escala de avaliação da comunicação entre pais e filhos (COMPA – versão pais). As subescalas do QFF registaram uma consistência interna que variou entre $\alpha = .48$ e $\alpha = .87$ na amostra deste estudo. Os dados mostram não haver diferenças significativas entre as respostas dos dois membros do casal em relação à perceção que têm das forças familiares. Há uma relação moderada a forte entre as subescalas do QFF e do COMPA, ou seja, entre as forças familiares e a comunicação na parentalidade.

Palavras-chave: Forças familiares; par conjugal; Angola

Assessment of the agreement between the two members of conjugal system about the familial resilience

Abstract

The present study intent to value the degree of agreement between members of conjugal system about the familial resilience in a sample of south Angola, Benguela, and north Angola, Cabinda. The sample included 88 individuals. The study was based in a protocol with a sociodemographic questionnaire, a Familial Resilience Scale and a Scale of communication between parents and children (COMPA).

The values of Cronbach's alpha are between reasonable and good to the QFF scales. The results show an agreement between the two members of the marital pair in all QFF scales.

Key Words: Familial resilience; agreement, marital couple

Agradecimentos

A existência humana tem como suporte a voz suprema que ilumina toda a acção a realizar!

A Deus pela sua santa misericórdia.

Ao meu pai de feliz memória pelo conselho e à minha mãe pelo apoio moral e material.

À Doutora Isabel Maria Marques Alberto pelo afecto, paciência, dedicação, amor e pelas inúmeras aprendizagens proporcionadas nesta caminhada da vida académica.

À Doutora Margarida do ISPT e ao corpo Docente e administrativo da Faculdade de Psicologia Ciência de Educação da Universidade de Coimbra pelo empenho e sacrifício dedicado nesta grande caminhada.

À minha esposa e aos meus filhos pela compreensão da minha ausência durante esta formação.

Aos meus irmãos, irmãs, amigos e colegas pelo carinho, amor, incentivo, força e coragem.

A todos aqueles de forma ativa e passiva que contribuíram nesta caminhada.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	2
1.1. Conjugalidade e grau de concordância	2
1.2. Avaliação conjugal	3
1.3. Forças familiares	3
II – Objectivo -----	7
III- Metodologia -----	10
IV- Resultados -----	12
V- Discussão -----	16
Conclusão -----	18
Bibliografia -----	20

Introdução

O presente trabalho tem como finalidade avaliar o grau de concordância entre os dois membros do par conjugal relativamente às forças familiares numa amostra de famílias angolanas.

Segundo o dicionário Português, a palavra concordância refere-se ao acordo, à convergência, entre pessoas numa determinada situação. Avaliar o grau de concordância implica, então, analisar o nível de entendimento entre os elementos do par conjugal, que pode ser baixo ou elevado. Há maior probabilidade de o nível de entendimento ser elevado quando existe diálogo entre os membros do par conjugal. A comunicação familiar surge, assim, como uma componente central no relacionamento entre os membros da família. Para haver entendimento, é fundamental que a comunicação estabelecida seja funcional, com expressão clara de sentimentos, empatia, o que facilita o relacionamento entre os membros da família e entre estes e o meio social.

Afirma-se que um casal feliz é aquele que, antes de tudo, se reconhece como tal Karney e Bradbury, 1995 (como citados em Silves & Souza, 2008). Mas não são apenas as pessoas que convivem com o casal que o definem como um casal ajustado; ele próprio se avalia dessa maneira: “Um reconhecimento válido para que um casal seja considerado harmonioso é o seu índice elevado de concordância sobre vários aspetos que dizem respeito à sua vida comum (...) Casais em desarmonia na vida conjugal, ao contrário, apresentam, de modo geral, um baixo nível de concordância (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000 como citados em Silves & Souza, 2008, p.202).

Falar das forças familiares implica realçar os desafios e as capacidades e competência que estas famílias têm atravessado no seu dia a dia perante as diversas situações de vida. Vários autores falam sobre as forças familiares como a busca de um consenso entre os membros das famílias perante situações problemáticas ou mesmo acontecimentos positivos.

De uma forma sintética, esta pesquisa procura avaliar o grau de concordância entre membros do par conjugal relativamente às forças familiares que consideram caracterizar a sua família.

I – Enquadramento conceptual

1. Conjugalidade e grau de concordância

Segundo a abordagem psicanalítica, a conjugalidade resulta de uma escolha inconsciente por parte de cada um dos dos cônjuges. “Eiguer (1984), ao discutir a organização Inconsciente do casal, define o vínculo conjugal como uma superposição de duas relações que tem como modelo de identificação a representação do casal parental” (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006, p.315).

Para Gottman e Silver (2000, como citados em Braz, Dessen, & Silva, 2005), todo o casamento é a união de dois indivíduos que levam as suas opiniões, subjetividades e valores. Desse modo, é de prever que os casais, mesmo em relacionamentos considerados felizes, enfrentarão uma série de problemas conjugais. Segundo os autores, alguns conflitos causam apenas algum incómodo e irritação, contudo, outros podem ser bastante perturbadores (Braz et al, 2005; Scorsolini- Comin, & Santos, 2008; Silveiras, 2005). A diferença entre o funcionamento dos casais felizes e infelizes tem a ver com o facto de os casais que se percebem como infelizes parecem envolver-se num ciclo vicioso de relacionamento negativo, enquanto os felizes apresentam uma relação de entendimento, e uma atitude positiva perante o conflito, com menos críticas e acusações. Todos os conflitos conjugais, desde as discussões das rotinas diárias até à “guerra” entre os dois membros do casal se enquadram em duas categorias: os que podem ser resolvidos e os que são permanentes (Bolz 2012; Braz et al, 2005).

A compreensão das situações que levam ao conflito conjugal é fundamental, uma vez que pode ser um factor de risco para o desenvolvimento de mal-estar, depressão, ansiedade, abuso de álcool,

doenças físicas, entre outras, mas também na qualidade do ambiente da família em geral (Braz et al., 2005; Silvares & Souza, 2008).

1.1 Avaliação conjugal

A avaliação da conjugalidade costuma focar-se em três condições: a) análise e estudo da “satisfação conjugal”; b) identificação do contributo de cada cônjuge para a mesma situação ou aspeto, que permite analisar o grau de concordância entre ambos; e c) a pesquisa sobre a atitude ou opinião de um dos cônjuges acerca de uma variável, mas também a suposição deste cônjuge acerca da atitude ou opinião do seu companheiro em situação idênticas (Figueredo, 2006; Silvares & Souza, 2008). A insatisfação conjugal em muitas famílias angolanas tem resultado de desfasamentos entre os cônjuges relativamente à qualificação profissional e escolar e a atitudes ambiciosas (e.g., um funcionário que ascende a um cargo de chefia ou atinge um salário superior ao do outro, ou ainda aumento do nível académico). Estes pormenores acarrentam várias dificuldades no relacionamento dos cônjuges. Segundo Olson (como citado em Beninbá & Gomes, 1998; Scorsolini-Comin, & Santos, 2008) a insatisfação conjugal tende a começar com o nascimento do filho primogénito e prossegue, lentamente, através dos anos, atingindo seu momento crucial com a emancipação dos filhos e o estágio do ninho vazio, quando os filhos se casam e deixam o lar dos pais.

2. Forças familiares/Resiliência familiar

Ao falar das forças familiares implica referir o termo Resiliência, que é uma palavra recente no campo científico da psicologia, mas conhecido na física e engenharia, e que refere a capacidade que um indivíduo ou família dispõe de enfrentar e resolver os problemas. Segundo Grotberg (1995, como citado em Yunes & Szymanski, 2001, p. 7) a resiliência é uma capacidade universal que permite que uma pessoa, grupo ou comunidade previna, minimize ou supere os efeitos nocivos das adversidades. De acordo com este conceito, estamos perante as variadíssimas dificuldades que os angolanos vêm atravessando desde a sua

independência, no período da guerra civil e ao momento atual, onde várias famílias perderam os seus elementos e ficaram desestruturadas e procuram vencer as consequências de forma individual e coletiva. O dicionário de Língua Inglesa Longman Dictionary of Contemporary English (1995) oferece duas definições de resiliência: a) habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades etc.; b) habilidade de uma substância retonar à sua forma original quando a pressão é removida. Em Angola, muitas pessoas, famílias e comunidades, pelas razões já mencionadas, perderam a referência dos seus valores culturas étnicos e linguísticos, surgindo a necessidade de resgatá-los para que se volte a organizar o sistema familiar em função da sua identidade. O conceito de resiliência é frequentemente referido como o processo que explica a superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (Yunes & Szymanski, 2001). Dunst, Trivette, e Deal (1994, como citados em Mendes, 2008) definem as forças das famílias como os padrões de relação, as competências interpessoais e as características psicossociais que criam uma identidade positiva da família, promovem uma interação satisfatória entre os membros do sistema familiar, encorajam o desenvolvimento da família e de cada um dos seus membros e contribuem para a capacidade de lidar de forma eficaz com o stress e as crises. As forças da família são compostas por diversos componentes englobando os valores, atitudes e crenças que contribuem para um estilo de funcionamento único (Dunst et al., 1994, como citados em Mendes, 2008). As competências familiares são o conhecimento e as capacidades que cada membro individualmente e a família como um todo têm para usar os recursos internos ou externos.

As famílias têm diferentes tipos de valores, competências e padrões de interação que caracterizam o seu funcionamento. A revisão da literatura refere que não é a presença ou ausência destes componentes que tornam uma família forte mas a combinação de várias características (Mendes, 2008; Yunes & Szymanski, 2001). Os estudos sobre famílias multiproblemáticas têm-se focado nas suas dificuldades e problemas, não

se interessando pelos seus recursos e competências (Sousa et al, 2007). No entanto, é muito importante intervir nas famílias procurando as suas competências e trabalhando para estas serem usadas (Sousa, 2004; 2005). Segundo Ausloos (1995 como citado em Sousa, 2005), todas as famílias têm competências que devem ser postas em prática e desenvolvidas. Quando as famílias tentam manter um funcionamento rígido, e não tentam fazer as coisas de forma diferente, é que estão a manter e aumentar os seus problemas (Sousa et al, 2007). A investigação mostra que na caracterização da resiliência familiar e individual, o desenvolvimento humano e familiar passa por várias fases caracterizadas por dificuldades, mas também competências e qualidades que ajudam a enfrentar e resolver os problemas e crises normativas e imprevisíveis ou acidentais que vão surgindo (Alarcão, 2007; Alarcão & Gaspar, 2007). A resiliência familiar trata então das forças familiares e tornam necessário que os membros da família estejam unidos e se entendam sobre como resolver as situações que aparecem (doença, fome, guerra, morte, etc.). O estudo exploratório com famílias de risco desenvolvido por Mendes (2008) mostra a influência da perspetiva ecológica sobre as diferentes condições positivas e negativas para o ser humano (e.g. vizinhos, família, amigos, colegas de trabalho, etc.). É com base na promoção de relações saudáveis que as famílias buscam a resolução de seus problemas. Na nossa realidade, angolana, verifica-se a presença de muitas famílias desmembradas, ou seja, que funcionam cada um por si e não como um grupo, por vários fatores: como a morte (acidentes, guerra), o divórcio, a doença, a superstição, e nota-se a incapacidade de resistir a estas situações, o que dá origem a muitas crianças a passarem a sua vida na rua e a consumirem drogas. Conger (2002) e Paterson (2002) (como citados em Mendes, 2008) consideram que a resiliência resulta de um processo de desenvolvimento ao longo do tempo, como resultado das respostas às necessidades da família em função do contexto, apontado como factores protetores a proximidade, o suporte familiar e a satisfação conjugal. Paterson (2002) (como citado em Mendes, 2008) define a resiliência como a capacidade da família de se adaptar e em

manter o seu bem-estar e funcionamento após uma experiência negativa. As situações de *stress* são uma oportunidade para a família crescer e aumentar a sua capacidade de adaptação (Agostinho, 2009). O carácter individual não deixa de ser uma competência e habilidade para dar soluções aos seus problemas; cabe ao indivíduo criar os mecanismos de superar os desafios da sua caminhada e ser forte sem cair na frustração (e.g. consumo de drogas ou da atitude “do deixar andar”). Importa dizer que a vivência de problemas fortalece o indivíduo e a família, como dizem os ditados “a prática faz o mestre” e “só levanta, quem cai”. De acordo com Mendes (2008, p.7) “a visão sistémica da resiliência tem em conta a dimensão desenvolvimental, assumindo que o impacto de uma crise depende do momento em que ocorre (ciclo de vida individual e familiar) já que os processos familiares podem variar, com sucessivos desafios, ao longo do tempo”.

Walsh (1998, como citado em Mendes, 2008) descreve a resiliência familiar a partir de três critérios: (a) *Sistema de crenças familiares* que influencia a forma como as pessoas percebem as situações que enfrentam; (b) *Padrões organizacionais* que caracterizam as relações e os comportamentos; a flexibilidade familiar nestes padrões permite ajustamentos e reorganização; (c) *Processo de comunicação* que deve ser claro e permitir a expressão de emoções e partilha e articulação na resolução de problemas.

Considerando a importância destes critérios da resiliência, o presente estudo pretende ver de que forma os dois membros de cada casal concordam ou não na percepção que têm das forças das suas famílias.

II - Objetivos

Objetivo geral:

O estudo realizado tem como objectivo avaliar o nível de concordância no par conjugal relativamente às forças familiares numa amostra de casais de Angola (Províncias de Cabinda e Benguela)

Objetivos Específicos:

- Analisar a Consistência Interna do Questionário das Forças Familiares na amostra em estudo (Cabinda e Benguela);
- Avaliar o nível de concordância entre o par conjugal nas dimensões das forças familiares avaliadas pelo QFF;
- Analisar a correlação entre a percepção das forças familiares e da comunicação entre pais e filhos.

III - Metodologia

3.1 Descrição da amostra

A amostra para esta investigação é constituída por 44 casais (N=88), sendo 50 (56.8%) participantes da província de Benguela e 38 (43.2 %) de Cabinda. Metade da amostra (n= 44) é do sexo masculino e outra metade é do sexo feminino. A média da idade para a amostra total é de 38.3 anos (DP = 7.5 anos). As idades variam entre 25-56 anos (sendo a amplitude total = 31 anos). Considerando a repartição da variável idade em categorias, verifica-se que a categoria modal é a de 31-40 anos (n = 41; 46.6%). A segunda categoria com maior frequência é a da faixa dos 41-50 anos (n = 22; 25%), seguida da faixa dos 23-30 anos (n = 17; 19.3%); a categoria menos frequente é a dos 51-60 anos (n = 8; 9.1%) (ver Tabela 1).

Relativamente à etnia, a maioria da amostra é Umbundo (n = 48; 54.5%), seguida da etnia Muwoyo (n = 16; 18.2%). Outras etnias presentes na amostra são as dos Muyombe (n = 6; 6.8%), Quimbundo (n = 5; 5.7%), Mukwakongo e Mulinge (ambos com n = 4; 4.5%), Bacongo (n = 3; 3.4%) e Nganguela (n = 1; 1.1%).

Quanto à escolaridade dos participantes, a categoria modal no presente estudo é o 2º ciclo (n = 49; 55.7%), seguindo-se o Ensino Superior (n = 36; 40.9%) e, por fim, com apenas 3% (n = 3), o 1º ciclo. No que diz respeito à variável número de filhos, a amostra reparte-se entre um mínimo de 1 e um máximo de 7 filhos por casal (Mediana = 3) (ver Tabela

1).

Considerando a área de residência, verifica-se que a maioria da amostra vive nos Arredores da Cidade/Bairro (n = 76; 86.4%), segue-se o Centro da Cidade (n = 8; 9.1%) e, finalmente, a Comuna/Sede (n = 4, 4.5%). Relativamente ao tipo de habitação constata-se que a maioria dos participantes habita em vivenda (n = 40; 45.5%), seguida da habitação em apartamento (n = 38; 43.2%), as casas de adobe (n = 6; 6.8%) e, por fim, outro tipo de habitação (n = 4; 4.5%).

Por último, no que diz respeito à variável etapa do ciclo vital da família, a categoria com maior frequência é família com filhos na escola (n = 52; 62.7%), enquanto os restantes participantes estão na etapa de família com filhos adolescentes (n = 31; 37.3%). Nesta variável, há 5 casos com resposta omissa (ou seja, 5.7% da amostra) (ver Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra (N=88)

Variável		n	%
Região de Angola	Benguela	50	56.8
	Cabinda	38	43.2
Sexo	Masculino	44	50
	Feminino	44	50
Idade (Categorias)	23-30	17	19.3
	31-40	41	46.6
	41-50	22	25.0
	51-60	8	9.10
Etnia	Umbundo	58	44.5
	Muwoyo	16	18.2
	Muyombe	6	6.8
	Quimbundo	5	5.7
	Mukwakongo	4	4.5
	Mulinge	4	4.5
	Bacongo	3	3.4
	Nganguela	1	1.1
Outros	1	1.1	
Escolaridade	1º ciclo	3	3.4

	2º ciclo	49	55.7
	Ensino Superior	36	40.9
N.º de Filhos	1	3	3.4
	2	13	14.9
	3	38	43.7
	4	18	20.7
	5	10	11.4
	6	2	2.3
	7	3	3.4
Residência	Arredores da Cidade	76	86.4
	Centro da Cidade	8	9.1
	Comuna/Sede	4	4.5
Profissão*	1	1	1.1
	2	33	37.5
	3	15	17
	4	14	15.9
	5	5	5.7
	6	2	2.3
	7	5	5.7
	8	1	1.1
	9	6	6.8
	10	6	6.8
Habitação	Apartamento	38	43.2
	Vivenda	40	45.5
	Casa Adobe	6	6.8
	Outro	4	4.5
Etapa de Vida	Filho na Escola	52	62.7
	Filho Adolescente	31	37.3

*1. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

2. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

3. Técnicos e profissionais de Nível Intermédio

4. Pessoal Administrativo e Similares

5. Pessoal dos Serviços e Vendedores

6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas

7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares

8. Trabalhadores Não Qualificados

9. Doméstico

10. Estudante

3.2 – Instrumentos

A presente investigação incluiu um protocolo com três instrumentos: o Questionário Sociodemográfico, o Questionário das Forças Familiares (QFF) e a Escala de avaliação da comunicação pais-filhos (COMP-versão pais).

3.2.1 – Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico serviu para a recolha de dados dos participantes relativamente ao sexo, idade, étnia, nível de escolaridade, características da habitação, área de residência e composição familiar (número de filhos e etapa do ciclo vital).

3.2.2 – Questionário de Forças Familiares (QFF)

Este instrumento foi desenvolvido com base na caracterização do processo de resiliência familiar de Froma Walsh (2003, 2006) e revisto para a população Portuguesa por Ana Melo e Madalena Alarcão em 2007. Este questionário serve para sabermos como as famílias superam os seus problemas diante de situações difíceis. É constituído por 29 itens construídos com base a literatura e na prática profissional com famílias, descrevendo características relativas ao funcionamento familiar organizadas de acordo com os três processos referidos (sistema de crenças familiares, processos organizacionais, comunicação e resolução de problemas). Organiza-se por cinco subescalas (crenças e comunicação, capacidade de adaptação, clima familiar positivo e coesão, organização de vida familiar e tomada de decisão, individualidade, apoio social), de resposta de autorrelato de acordo com uma escala *Likert* de cinco valores (1 – Nada parecidas; 2 Pouco parecidas; 3 – Mais ou menos parecidas; 4 – Bastante parecidas; 5 – Totalmente parecidas). Em relação a escala total, nos estudos portugueses o resultado da consistência interna do Alfa de *Cronbach* para a escala total foi de $\alpha = 0.923$, considerado excelente (Mendes 2008). Nas subescalas Crenças e comunicação ($\alpha = 0.89$),

Capacidade de adaptação ($\alpha = 0.80$), Clima familiar positivo e coesão ($\alpha = 0.85$), Organização de vida familiar e tomada de decisão ($\alpha = 0.80$), Individualidade ($\alpha = 0.74$), e Apoio social ($\alpha = .70$) os valores de fidelidade são bons (Mendes, 2008).

3.2.3. - Escala de avaliação da comunicação pais-filhos (COMP-versão pais)

Esta escala foi construída por Portugal e Alberto (2011) para avaliar a comunicação na parentalidade. É composto por 44 itens repartidos por 5 subescalas (expressão do afecto e apoio emocional, disponibilidade parental, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores). As respostas de autorrelato correspondem a escala *Likert* de 1 a 5 (1=Nunca, 2=Raramente, 3=Às vezes, 4=Muitas vezes, 5=Sempre). Os itens 21, 31 e 43 são de cotação invertida.

Na análise das qualidades psicométricas na versão original (portuguesa) do COMPA, considerando a consistência interna, as cinco subescalas obtiveram os seguintes resultados relativamente ao alfa de *Cronbach*: a Expressão do afeto e apoio emocional $\alpha = .82$; disponibilidade parental $\alpha = .73$; metacomunicação $\alpha = .73$; confiança/ partilha comunicacional de progenitores para filhos $\alpha = .75$ e confiança/ partilha comunicacional de filhos para progenitores $\alpha = .62$ (Portugal, 2013).

3.3 Procedimento de investigação e tratamento de dados

Os dados foram recolhidos entre os períodos de Outubro de 2013 e Fevereiro de 2014, nas cidades de Benguela e Cabinda, pelos alunos do MIP. A amostra do estudo é de conveniência.

Foram os investigadores, alunos do MIP, que passaram os protocolos, sempre com a mesma ordem de aplicação. Depois de ser lida a informação sobre os objectivos da investigação, o anonimato e a confidencialidade, passaram-se os instrumentos aos adultos que aceitaram colaborar. Para o presente estudo, usaram-se os dados já recolhidos e que

constavam da base de dados.

As análises estatísticas foram feitas no programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences- Versão 20).

IV – Resultados

4.1. Análise das qualidades psicométricas dos instrumentos

Relativamente à análise da consistência interna do Questionário das Forças Familiares na amostra total (N=88, Cabinda e Benguela), os coeficientes de alfa de Cronbach foram de $\alpha = .87$ na subescala Crenças e Comunicação, de $\alpha = .69$ na subescala Capacidade de Adaptação, de $\alpha = .80$ na subescala Clima Familiar Positivo e Coesão é $.80$, de $\alpha = .69$ na subescala Organização de vida familiar e tomada de decisão, de $\alpha = .50$ na subescala Individualidade e de $\alpha = .48$ na subescala Apoio Social. Com exceção dos itens 8 e 19, todos os restantes obtiveram coeficientes de correlação com o total de cada subescala que variaram entre $r = .30$ e $r = .73$ (ver Tabelas 2 a 7).

Tabela 2 - Estatística dos itens da subescala Crenças e Comunicação do QFF

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total
10	4.19	1.03	.71
11	4.49	.84	.73
15	3.77	1.23	.51
16	4.16	1.11	.65
21	4.14	.99	.54
24	4.49	.66	.60
25	4.48	.70	.63
26	3.84	1.15	.70
28	3.78	1.15	.53

Tabela 3 - Estatísticas dos itens da subescala Capacidade de adaptação

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total
18	4.33	.94	.66
20	4.05	1.06	.36
22	4.43	.81	.33
23	4.00	1.07	.60

Tabela 4 - Estatística dos itens Clima Familiar Positivo e Coesão

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total
1	4.01	1.09	.57
2	4.20	1.00	.63
3	4.30	1.05	.69
6	4.00	1.12	.57
14	4.28	.87	.45

Tabela 5 - Estatística dos itens da subescala Organização de vida familiar e tomada de decisão

	Média	DP	Correlação Item-Total
5	3.67	1.25	.40
9	4.26	.95	.30
12	3.91	1.20	.51
13	3.85	1.20	.53
29	4.01	.95	.49

Tabela 6 - Estatística dos itens da subescala Individualidade

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total
4	4.22	1.07	.36
7	3.61	1.20	.31
8	3.82	1.22	.27

Tabela 7 - Estatística dos itens da subescala Apoio Social

Itens	Média	DP	Correlação Item-Total
17	3.78	1.21	.34
19	3.93	1.19	.19
27	3.69	1.10	.38

4.2. Análise do grau de concordância entre o par conjugal sobre as subescalas do QFF

Para analisar o grau de concordância entre os dois membros do par conjugal dos 44 casais, realizou-se o teste estatístico t de Student para amostras emparelhadas. Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas para as diferentes subescalas do QFF (ver Tabela 8).

Tabela 8 – Resultados de t de Studente para amostras emparelhadas intra casal (marido – mulher) nas subescalas do QFF

	Mulher		Homem		<i>t</i>	<i>p</i>
	M	DP	M	DP		
Crenças e Comunicação	37.20	6.50	36.23	8.59	.697	.49
Capacidade de Adaptação	16.52	3.14	16.75	3.01	-.412	.68
Clima Familiar Positivo	20.36	4.28	20.61	4.24	-.310	.76
Organização Vida Familiar	19.82	3.88	19.05	4.18	1.05	.30
Individualidade	11.27	2.44	11.80	2.49	-1.36	.18
Apoio Social	11.11	2.81	11.70	2.01	-1.23	.23

4.3. Análise da correlação entre subescalas do QFF e do COMPA

Para se analisar a correlação entre as forças familiares e a qualidade da comunicação entre pais e filhos, realizou-se o teste estatístico de correlação de Pearson. Registaram-se coeficientes que variam entre o mínimo de $r=.199$ e o máximo de $r=.635$ na amostra das mulheres e entre o mínimo de $r=.265$ e o máximo de $r=.813$ na amostra dos homens (ver Tabelas 9 e 10).

Tabela 9 – Coeficientes de correlação entre QFF e COMPA para as mulheres

	Expressão Afeto	Disponibilidade	Metacomunicação	Confiança Progenitores	Confiança Filhos
Crenças e Comunicação	.543**	.541**	.614**	.396**	.577**
Capacidade e adaptação	.511**	.518**	.635**	.399**	.496**
Clima Familiar Positivo	.439**	.469**	.605**	.435**	.431**
Organização Vida Familiar	.504**	.556**	.609**	.467**	.532**
Individualidade	.433**	.498**	.633**	.395**	.461**
Apoio Social	.199	.285**	.246*	.264**	.275**

* $p<.05$; ** $p<.01$

Tabela 10 – Coeficientes de correlação entre QFF e COMPA para os homens

	Expressão Afeto	Disponibilidade	Metacomunicação	Confiança Progenitores	Confiança Filhos
Crenças e Comunicação	.797**	.747**	.813**	.609**	.778**
Capacidade e adaptação	.751**	.727**	.778**	.579**	.704**
Clima Familiar Positivo	.722**	.684**	.781**	.636**	.635**
Organização Vida Familiar	.683**	.679**	.727**	.651**	.699**
Individualidade	.515**	.581**	.634**	.395**	.516**
Apoio Social	.394**	.391**	.427**	.265	.381*

*p<.05; **p<.01

V – Discussão

Numa primeira instância realizou-se a análise da consistência interna do Questionário das Forças Familiares para a amostra total (N=88). Os coeficientes de alfa de Cronbach variaram entre $\alpha = .48$ na subescala Apoio Social e $\alpha = .87$ na subescala Crenças e Comunicação, ou seja, entre valores fracos e bons de consistência interna. Com exceção dos itens 8 e 19, todos os restantes obtiveram coeficientes de correlação com o total de cada subescala que variaram entre $r = .30$ e $r = .73$.

De seguida, analisou-se o grau de concordância entre os dois membros do par conjugal sobre as subescalas do QFF, através do teste estatístico t de Student para amostras emparelhadas, e verificou-se acordo entre homens e mulheres, não houve diferenças estatisticamente significativas, em todas as subescalas, nomeadamente, crenças e comunicação, capacidade de adaptação, clima familiar positivo, organização vida familiar, individualidade e apoio social. Os resultados mostram uma elevada capacidade e competência das famílias das duas Províncias para encontrarem soluções para os seus problemas sociais e individuais, apresentam habilidade para ultrapassar os obstáculos da vida. Quanto a concordância conjugal, muitos problemas no relacionamento são fruto da falta de conhecimento de cada um dos cônjuges; isto ocorre porque alguns casais começam uma vida a dois sem conhecerem o

caracter, a personalidade e as motivações um do outro. Do ponto de vista científico (Silvares & Souza, 2008) torna-se cada vez mais claro que tanto os pesquisadores quanto os clínicos precisam compreender que as diferentes perspectivas de um e do outro cônjuge representam fonte de informação igualmente válida acerca da relação entre ambos. Para Belsky (1984 como citado em Ferreira, 2008), a satisfação conjugal depende de um conjunto de fatores que influenciam o comportamento de ambos os conjuges. Em Angola, sobretudo na região norte, a família é muito importante e tem influência na harmonização do casal, de acordo com os hábitos e costumes desta região de Angola. Segundo Mendes (2008) o conceito de resiliência não se restringe a capacidade para lidar com situações difíceis, mas implica a aptidão para transformar e crescer a nível pessoal e relacional.

Conclusões

Com este estudo queria-se avaliar o grau de concordância entre os dois membros do par conjugal relativamente às forças familiares numa amostra de duas Províncias de Angola.

Os resultados mostram que os casais tendem a responder da mesma forma nas várias escalas do QFF, vindo da mesma maneira a forma como resolvem os seus problemas, primam pelo diálogo, há acordo entre as suas perspetivas quanto às forças familiares.

Quanta às correlações entre as subescalas do QFF e do COMPA, mostram que se relacionam, uma vez que quando o valor de uma sobe, aumentam também os valores das outras. Só a escala Apoio Social do QFF não teve relação elevada com as escalas da comunicação na parentalidade.

O estudo realizado mostra a importância de os membros do casal se relacionarem no sentido de garantir a coesão, a clareza, o reconhecimento e valorização do diálogo na diversidade de resolução dos problemas familiares e individuais.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares* (3ª ed) Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17 (36), 89-102.
- Agostinho, A. C. (2009). *Filhos na escola e filhos adultos: a relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa.
- Beninbá, C.R.C.S, & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia* (Natal), 3 (2), 177-205.
- Braz, M. P; Dessen, M. A., & Silva, N. L. P.(2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais: baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (29), 151-161.
- Dicionário de Língua Portuguesa (2011). Lisboa: Porto editora.
- Ferreira.A.M.J. (2008). *Satisfação Conjugal e Parentalidade Biológica*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de Lisboa
- Figueredo, P. M. V (2006). *A influência do locus de controlo conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil.
- Liuanhica A. R. (2014). *Comparação dos padrões de comunicação entre pais e filhos entre uma amostra de Benguela e uma amostra de Cabinda*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Coimbra.
- Mendes, P. (2008). *Resiliência familiar: estudo exploratório em famílias de risco*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Coimbra.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006) Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16 (35), 315-325.
- Scorsolini- Comin, F., & Santos, M.A. (2008). Casamento na medida:

- Uma revisão integrativa sobre conceitos e instrumento de mensuração da satisfação conjugal. In S. R. Paisian, E. T.K. Okino, S. R. Loureiro, & F. L. Osório (eds), *Avaliação de personalidade: Técnicas e contextos diversos* (pp. 915-931). Ribeirão Preto, SP: Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projectivos.
- Silvares, E. F. M; & Souza, C. L. (2008). Discórdia conjugal: distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (1), 200-213.
- Sousa, L. (2004). Diagnósticos e Problemas: Uma perspectiva sistémica centrada nas famílias multiproblemáticas pobres. *Psychologica*, 38, 147-167.
- Sousa, L.(2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P (2007). *Famílias pobres: Desafios a intervenção Social*. Lisboa: Climepsi.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliencia: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J.Tavares (Org.), *Resiliencia e Educação* (pp. 13-42) São Paulo: Cortez.